

## Breves apontamentos a partir da eloquência do silêncio.

Estar diante de uma obra de arte é sempre uma experiência que nos afeta de maneira imprevisível. E aquelas que provocam afetos contraditórios ou que não compreendemos bem são as que nos marcam mais profundamente. Claro que a experiência, mesmo que sempre aconteça, terá variações individuais quanto a essa afetação; ainda assim contradições ou incompreensões estão intimamente ligadas ao que nos faz pensar, seja por causa de um estranhamento do que nos é familiar ou como se fosse algo para o qual não estávamos preparados.

...

Cássia Aresta tem uma trajetória e uma produção consideráveis. Desde sempre um rigor construtivo aliado à depuração de elementos esteve presente em seus trabalhos. Mas arte é coisa lenta. Foi necessário que se fizesse um longo percurso para chegar aos trabalhos que compõe esta exposição. Foi necessário que se juntassem o interesse juvenil pela arquitetura, a dedicação que a pintura educou, a relação com uma das fases mais ricas da arte feita no Brasil (o concretismo), o desenho como síntese de pensamentos e, por último e não menos importante, uma inquietação e necessidade de fazer arte quase febris. Como se sua vida e sua serenidade fossem dependentes disso.

...

Os trabalhos de Cássia Aresta possuem uma grande unidade formal e técnica. Dito desta maneira parece que isto se sobrepõe ao fazer teórico e poético que possuem, o que seria um equívoco. As várias qualidades dessa série de trabalhos se encontram na junção entre uma abordagem contemporânea das questões tratadas e a matriz arcaica (enquanto origem) representada pelo desenho. É como se fosse articulado o difícil equilíbrio entre *theoria* (conhecimento adquirido por pesquisa ou vivência), *tekné* (uma habilidade específica), *práxis* (a ação efetiva, que junta *theoria* e *Tekné*) mediados por uma *poiesis* (o impulso irrefreável e criador do espírito) febril.

...

A visão não é unicamente um efeito eletro-químico em nossas retinas e cérebro. Ela é uma construção cultural. Estabelecida há mais de seiscentos

anos, a perspectiva tornou-se uma maneira de compreender o espaço circundante, seja ele próximo ou distante. Organizou os espaços dos centros urbanos nascentes e os espaços arquitetônicos, além de alterar radicalmente a representação pictórica como feita até o final da Idade Média; portanto é comum não nos darmos conta de como uma forma de representação da realidade acabou por também construí-la. Assim, uma relação arcaica entre a perspectiva e a ideia de uma “janela para o mundo” contida na historiografia da pintura acabou por tornar-se natural. Cássia Aresta trabalhou a partir dessa premissa, criando uma arquitetura de angulações improváveis onde seria possível caminhar, mas na qual não conseguimos vislumbrar os locais de permanência; os corpos dos viventes deixam de estar entre nós ao mesmo tempo que essa ausência reforça a presença, num momento passado ou futuro, destes mesmos corpos. Este mundo visto pela “janela” que a artista nos abre (seja na superfície pictórica por excelência, a tela, ou no papel) fala de um mundo silencioso, austero e onde tempo e espaço fossem conviver em harmonia, ainda que nos causem aquele estranhamento de algo que parece estar em leve desacordo.

...

Num mundo onde tudo é extremamente veloz e as imagens se dissolvem com tal celeridade em nossas retinas, tão precocemente fatigadas, pouco pode ser retido em nosso cérebro. Coube aos artistas contemporâneos lidar e enfrentar essa condição que é, sem dúvida contemporânea. Não há uma receita para que isso seja feito, a não ser, creio, na forma de estar um pouco deslocado em relação ao senso comum. No caso de Cassia Aresta esse “deslocamento” se faz pela utilização do grafite no tecido (a tela, mas também no papel), pelo uso de variações tonais de uma única cor (se assim denominamos os cinzas que ela cria) e pela criação de formas arquitetônicas inusitadas ainda que retilíneas. Penso que estas ações concorrem para a atmosfera silenciosa que vemos e acabam por nos levar para o território da pensatividade, nossa ou dos próprios trabalhos. Como se a artista fosse construindo uma apresentação matérica dessa pensatividade.

...

A arte contemporânea, seja em qualquer época (afinal há várias “contemporaneidades”), sempre traz um estranhamento, familiar ou não, para o olhar. As mais significativas trazem também um acolhimento. Nos

trabalhos de Cassia Aresta isto se dá pelo silêncio. Ainda que a expressividade dos espaços que ela nos apresenta seja clara, esse expressar-se é eloquente, possui desenvoltura. Por óbvio é uma eloquência das imagens, potencializada por este certo silêncio. Penso que isto nos afete porque ela não representa simplesmente algo e sim por apresentarem um espaço inusitado. Uma morada para o pensamento.

Marcelo Salles, agosto, 2023.